

ACAFA

Nº 10 (2015) On-line

APONTAMENTOS SOBRE A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

Notes about the archaeological research at the
county of Idanha-a-Nova (Portugal)

Francisco Henriques, Pedro Salvado,
João Caninas e Mário Chambino



Vila Velha de Ródão, 2015

**APONTAMENTOS
SOBRE A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CONCELHO
DE IDANHA-A-NOVA**

**Notes about de archaeological research at the county
of Idanha-a-Nova (Portugal)¹**

Francisco Henriques², Pedro Salvado³, João Caninas⁴ e Mário Chambino⁵

Palavras-chave: concelho de Idanha-a-Nova; historiografia arqueológica

Key-words: county of Idanha-a-Nova; archaeological historiography

¹ Inclui bibliografia, não exaustiva, sobre o tema.

² Licenciado em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Arqueólogo, membro e fundador da Associação de Estudos do Alto (AEAT). Participação desde o início dos anos 70 em projectos de arqueologia, antropologia e etnografia na área do alto Tejo português.

³ Licenciado em História (Universidade de Coimbra), mestre em Culturas Regionais (Universidade Nova de Lisboa), mestre em Antropologia (Universidade de Salamanca-USAL) e membro do Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León (USAL).

⁴ Membro do CHAIA-Universidade de Évora e da Associação de Estudos do Alto Tejo. Doutorando em Arqueologia (Universidade de Évora). Mestre em Arqueologia (Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

⁵ Licenciado em História pela Universidade Aberta. Membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

Breve narrativa acerca dos temas e dos investigadores que contribuíram desde o séc. XIX para o conhecimento do património arqueológico do concelho de Idanha-a-Nova, seguida de algumas propostas de acção para o futuro.

Abstract

Narrative about the issues and researchers who contributed since the 19^a century to the knowledge of the archaeological heritage of the county of Idanha-a-Nova, followed by some proposals for the future.

Introdução

Idanha-a-Nova, um dos municípios portugueses como maior área, detém um acervo arqueológico, imóvel, numeroso e muito diversificado.

Estando os signatários ligados a este território por laços familiares (MC) ou de investigação e detendo um conhecimento privilegiado, pelo menos acerca de uma parte significativa deste acervo, entenderam oportuno fazer uma breve reflexão sobre o modo como este conhecimento foi construído nos últimos 100 anos.

Breve historial de investigação arqueológica no concelho

A história da investigação arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova revela uma peculiar frequência diacrónica e focagem locativa consubstanciadas nas inúmeras referências, estudos e intervenções sucedidas e efectuadas a partir das realidades patrimoniais da aldeia de Idanha-a-Velha.

Tal facto deveu-se, em parte, à quantidade, variedade e excepcionalidade dos vestígios arqueológicos que ainda hoje materializam um original modelado monumental desta pequena comunidade. Pode afirmar-se que a forte força centrípeta exercida por Idanha-a-Velha na construção de um passado de raízes temporais e simbólicas alargadas terá afastado, durante muitos anos, quaisquer esforços e recursos tendentes ao estudo e compreensão dos distintos ritmos de ocupação e de transformação cultural de um vasto e rico território envolvente (Salvado, 2010).

Esta imagem central egeditana reforçou-se com a existência neste lugar de uma das colecções epigráficas mais numerosas e significativas da Península Ibérica revelando informações fundamentais para uma cabal compreensão das interioridades regionais ao tempo de Roma.

A confirmação desta especificidade epigráfica local encontra-se assinalada, a partir do século XVI, por muitos historiógrafos e antiquários como Ambrosio de Morales (1513-1591) ou Florián de Ocampo (1513-1590?) que difundiram algumas leituras e interpretações associadas à, tantas vezes mitificada, história de Idanha-a-Velha.

Contudo no conjunto da historiografia da Beira Baixa, a contribuição de Manuel Pereira da Silva Leal (1694-1733), autor das *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado da Guarda*, configura uma textualidade excepcional, tanto pelas problemáticas expostas e fontes abordadas, como pela utilização de inovadoras metodologias de trabalho aplicadas ao processo de elaboração da história da localidade.

Em 24 de Julho de 1721, a Gazeta de Lisboa Ocidental regista que o Doutor Manuel Pereira da Silva Leal discursou na Academia Real da História sobre o Bispado da Guarda. Para o efeito usou diversas fontes documentais e 22 inscrições que “fallão de Idanha” (Salvado, 1988:7).

Silva Leal assinala vestígios arquitectónicos e epigráficos peçados de significados que associa a uma classificação cronológica e cultural, corporizando algumas das primeiras narrativas de valorização do passado, assumindo-se como um intérprete daquilo que poderemos considerar uma fase pré-arqueológica das leituras e construções sobre o passado do passado regional muito distinta da fase dos antiquários.

Atentemos, por exemplo, a algumas descrições apresentadas na sua obra como a descrição de «hum aqueducto subterrâneo de admirável estructura, que discorre por fora dos muros, e vay terminarse a huma casa, em forma de capella, guarnecida de nichos, junto da qual se vem alicerces, e fragmentos de paredes, de obra Romana primorosa, e pedaços de columnas, e capiteis de ordem Toscana, descendo-se não há muitos annos para o dito edificio por degraus, que estavaõ cubertos de taboas de mármore branco, ostentando tudo

o primor da antiga escultura, e architectura, do tempo em que floresciaõ estas boas artes».

Outras particularidades arquitectónicas de estruturas monumentais que eram então ainda visíveis na localidade também mereceram a sua atenção como as muralhas que envolviam a pequena povoação, cujos muros eram «quasi todos feitos de pedras romanas, assim nos quais como nos campos vizinhos, além das Inscriptoens, que já vimos, se achão, e apparecem continuamente outras mutiladas, e muitas cornijas, capiteis, bases, architraves, pedaços e columnas, urnas, cippos, e terminos, (...) indícios tudo da sua magnificência, e de quanto os Romanos cuidarão em ennobrecella. (p. 34)

Esta aproximação às materialidades de natureza arqueológica de Idanha-a-Velha prosseguiu durante o século XIX diluindo-se a coordenada historiográfica tradicional afirmando-se interpretações mais objectivas.

Em 1801, por exemplo, o erudito galego José Andrés Cornide de Folgueira y Saavedra (1734-1803), procedia a trabalhos de reidentificação epigráfica na velha Idanha, dando conta da primeira atitude colecionista pré-museológica da epigrafia local (Salvado, 2010: 228): «En la iglesia parroquial junto al colateral del lado de la Epistola en una hermosa tabla de marmol blanco (que no es de Portugal) con moldura de ojas de Acanto y de orla exterior de perlas y gallones. (...) Las mas inscripciones descubiertas en algunas ruínas de la muralla ñ en outra parte las há recogido un vecino del pueblo y las colocado de suerte q(u)e se pueden leer en una parede de su casa que es junto a la del vicario (...)» (Abascal & Cebrian, 2005:168).

Anos mais tarde, Levy Maria Jordão (1849) e Emílio Hubner (1869, 1892) incorporam nos seus estudos epigráficos vários exemplares oriundos do concelho de Idanha. Em 1881, a Expedição Científica à Serra de Estrela, não percorreu as terras das Idanhas mas Francisco Martins Sarmiento regista, no território em apreço, alguns arqueossítios na área de influência serrana como a anta do Torrão (Idanha-a-Velha), implantada no alto do «Cabeço dos Mouros».

Passados que foram 22 anos (Novembro de 1903) e obedecendo a um plano gizado dentro dos ideários museológicos centralistas estabelecidos pelo então Museu Ethnológico Português relativamente ao estudo e apropriação de elementos do passado em território nacional, Félix Alves Pereira inicia trabalhos arqueológicos na região egitaniense. Esta estadia beiroa, na senda das matérias que haviam sido apontadas por Hubner, firmar-se-á com a posterior edição de oito estudos, conjunto que unificou com o significativo título de *Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos*. Esta categorização de 'Ruínas de ruínas' como expressão identificadora da aldeia idanhense, justifica-a da seguinte maneira: «(...) são ruínas multiplicadas ou dolorosos vestígios das povoações sucessivas que ahi devem ter existido desde a época lusitano-romana».

Considerando as prospecções, escavações e levantamentos que realizou, Félix Alves Pereira não pode ser apenas visto como um simples recolector e intérprete de epigrafia romana, área de estudo que aprofundou em 1909, em trabalhos apresentando desenhos, fotografia, leitura e eruditos comentários (Pereira, 1909: 169-197).



Figura 1. Leite de Vasconcelos
(https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/Leite_de_Vasconcelos.jpg)

Salientem-se, pelo seu pioneirismo, os estudos sobre o complexo megalítico, tendo procedido a uma campanha de escavação e de interpretação da Anta Grande de Medelim (ou Pedra d'Anta). Os seus ensaios dedicados à arte medieval regional, como o estudo monográfico da ermida românica de S. Pedro de Vir-a-Corça, situada na base do cabeço de Monsanto da Beira ou a análise da imagem gótica da Virgem do Leite de Penha Garcia demonstram uma grande pluralidade de interesses patrimoniais (Pereira, 1913, 1916 e 1917).

Em Julho / Agosto de 1916 José Leite de Vasconcelos deslocou-se a Castelo Branco para presidir aos exames do Liceu desta cidade. Aproveitou então a ocasião para conhecer a região e proceder a uma reconhecimento arqueológico e etnográfico com a constituição de uma colecção de artefactos destinados ao acervo do Museu Ethnológico Português.

Esteve em Medelim nos dias 13 e 14 de Agosto, de 15 a 17 em Relva e Monsanto e nos dias 18 e 19 visitou Idanha-a-Velha. Dia 20 regressou a Medelim e preparou-se para dar continuidade ao seu sentido périplo por terras da Beira (Vasconcelos, 1927).

Afinal, e como escreveu: «Toda esta região possuía para mim um carácter quase sagrado: d'aí eram os deuses *Arentius & Arentia*, de que eu falara nas *Religiões da Lusitania*, II, 207; daí *Revelanganitaecus*, cuja lápide figura no Museu Etnológico; d'aí talvez a bela *Trebaruna*. Eu ia pois cheio de respeito e comoção: tantas vezes em meus escritos me havia referido a Igaeditania, sem nunca lá ter estado!»

A visita leiteana possuiu uma significativa relevância na região pelo itinerário percorrido, realidades observadas e pelas recolhas efectuadas, cumprindo um ímpar papel na divulgação junto do centro intelectual da capital, do vasto e original património das terras da Idanha. Em 1909 e por discordar da interpretação de uma epígrafe a REVELANGANIDAEIGVIS, feita por Félix Alves Pereira, propôs uma nova leitura (Vasconcelos, 1909:243-247).

Também Tavares Proença Júnior instituidor, em 1908, do Museu de Castelo Branco, é uma personalidade que está vincada à história da investigação arqueológica concelhia. Em 1903, quando dava os primeiros passos nos domínios da arqueologia comentava: «Estive em Idanha-a-Velha que é uma segunda Herculanium que espera escavadores! Pena é que os não haja».

Em Novembro de 1910, ao realizar uma síntese das existências epigráficas, particularmente a revisão das cópias reconhecidas por Emílio Hubner, editadas no *Corpus*, escreveria: «Idanha-a-Velha foi a capital ou centro dos antigos *igaeditani* e é hoje um amontoado de casebres, de pardieiros, de ruínas amontoadas e revolvidas de diversas civilizações (...) Ali viveram famílias opulentas que nos deixaram provas significativas do seu fausto, nas pedras bellamente lavradas dos grandes edifícios, nas colunas, nas lapides sepulcraes, nas suas inscrições gravadas com extraordinária perfeição e pintadas algumas vezes. A essa intensa civilização sucedeu a influencia barbara que tudo destruiu e confundiu», mutabilidade que haveria de culminar com a modelação da aldeia realizada pelos templários «que construíram uma fortificação e muralha utilizando os materiais que a civilização romana ali deixara!!...» (Proença Júnior, 1910:84).



Figura 2. Francisco Tavares de Proença Júnior, em 1914
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Tavares_de_Almeida_Proen%C3%A7a,_Jr.)

Apesar da seu curto itinerário científico enquanto arqueólogo (1903-1910), a atenção de Francisco Tavares de Proença Júnior neste concelho não se cingiu ao período romano nem a Idanha-a-Velha. Na sua obra síntese *Archeologia do Distrito de Castelo Branco* (1910) regista ocorrências arqueológicas, de diferentes tipologias e cronologias, em 16 localidades do concelho.

Da actividade que empreendeu no concelho de Idanha-a-Nova destaca-se a escavação, em 1904, da Anta Pequena de Medelim, de outros três *dolmens* nos arredores de Idanha-a-Velha (Almeida, 1956) e a identificação de três castros (Monsanto, Cabeço dos Mouros e Monfortinho). Procedeu, também, à escavação de um arqueossítio romano em Medelim no local onde tinha estado edificada a capela de Santiago.

Valorizou também o seu Museu, em Castelo Branco, com a incorporação de várias inscrições provenientes de Idanha-a-Velha e outros achados associados a diversas situações como foi o caso do tesouro de ourivesaria proveniente da área de Monsanto da Beira, datado da Idade do Ferro. Vários registos avulsos sobre uma pluralidade de arqueossítios e de fontes arqueológicas deste território foram efectuados pelo patrono da arqueologia do Distrito de Castelo Branco, indiciando linhas de investigação que a sua morte prematura impossibilitou a sua concretização.

Após 1917 a actividade arqueológica neste concelho diminuiu substancialmente. Idanha-a-Velha, com todo o seu potencial histórico e arqueológico, continuou a projectar-se em textos produzidos em contextos muito variados e versando matérias e amplitudes cronológicas e disciplinares muito diversas como, por exemplo, *A Aegitanea: (Idanha-a-Velha)*, de

Crispiniano da Fonseca (1927), *Idanha-a-Velha – Estudo Antropogeográfico*, de António Capêlo Manzarra Marrocos (1936), *A Egitânea Através dos Tempos*, de Francisco Pina Lopes (1951) ou *As Moedas Visigodas da Egitânia*, de Elias Garcia (1938), o terceiro director do Museu de Castelo Branco, fundado por Tavares Proença.

Também por estas décadas Samuel Schwarz (1880-1953), engenheiro de minas de origem polaca, que chega a Portugal em 1914 e se torna cidadão português em 1939, estuda e afirma a antiga riqueza mineira da região identificando as suas antigas marcas de exploração, nomeadamente a exploração de ouro, em época romana, no concelho de Idanha-a-Nova (Schwarz, 1933:35-38). Era sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses e notabilizou-se pelo estudo do cripto-judaísmo em Portugal, com destaque para a comunidade de Belmonte, e do património judaico, tendo adquirido a Sinagoga de Tomar que ofereceu ao Estado português.

As terras das Idanhas assumiram-se como o ilimitado laboratório de estudo do grande mestre da Geografia portuguesa Orlando Ribeiro a quem ficamos a dever alguns dos títulos mais significativos sobre as componentes geomorfológicas e evolução histórica das paisagens neste território raiano. Quando percorria os depósitos aluvionares associados à falha do rio Ponsul identificaria os testemunhos mais antigos da presença do Homem neste concelho, realidade que não tem sido devidamente salientada pelos biógrafos regionais desta impar personalidade da descodificação da identidade cultural beiroa: «A superfície de um deles, perto de Nave da Silva, recolhi algumas lascas e um *coup-de poing* muito grosseiro, de *facies abbevillense*, primeiros achados paleolíticos da Beira Baixa» (Ribeiro, 1943:117).



Figura 3. Samuel Schwarz.
(<http://www.desgensinteressants.org/samuel-schwarz>)

Aponte-se, noutra coordenada patrimonial, o inventário exaustivo e diacrónico realizado pelo general João de Almeida (1945), na obra *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses* onde regista as fortalezas de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Monsanto, Penha Garcia, Salvaterra, Segura, e o Castelo de Proença-a-Velha, Castro de Medelim, Castelo do Rosmaninhal, Castelo da Zebreira, forte de Monfortinho e Castro do Monte do Picoto.

O projecto *As Grandes Vias da Lusitânia* levada a cabo por Mário Saa entre 1957 e 1967 reconstituiu e inventariou parte da rede viária antiga de Portugal percorrendo «os últimos dias dos sulcos viais da antiguidade» como o autor expressou. O tomo 6, editado em 1967, conjuga a toponímia com a documentação medieval e as materialidades monumentais (pontes e troços de vias) identificadas no terreno elaborando propostas cartográficas da evolução do domínio espacial por parte das entidades concelhias medievais, uma geografia dependente de um sistema viário pré-existente.

Esta linha de trabalho será, muitos anos depois, continuada pelo vibrante trabalho de Jorge de Alarcão (2013) *Beira Baixa: terra tomada sem guerra*.

Interessante nota para a história da museologia arqueológica regional foi a criação, em 1929, por João dos Reis Leitão Marrocos, morgado da localidade, do Museu Lapidar Egeditano, ocupando a antiga capela de S. Sebastião de Idanha-a-Velha entretanto restaurada. Foi a primeira expressão museográfica da Beira Baixa associada directamente a um arqueossítio em que se mantinham na localidade achados evitando a sua saída para outros paragens.

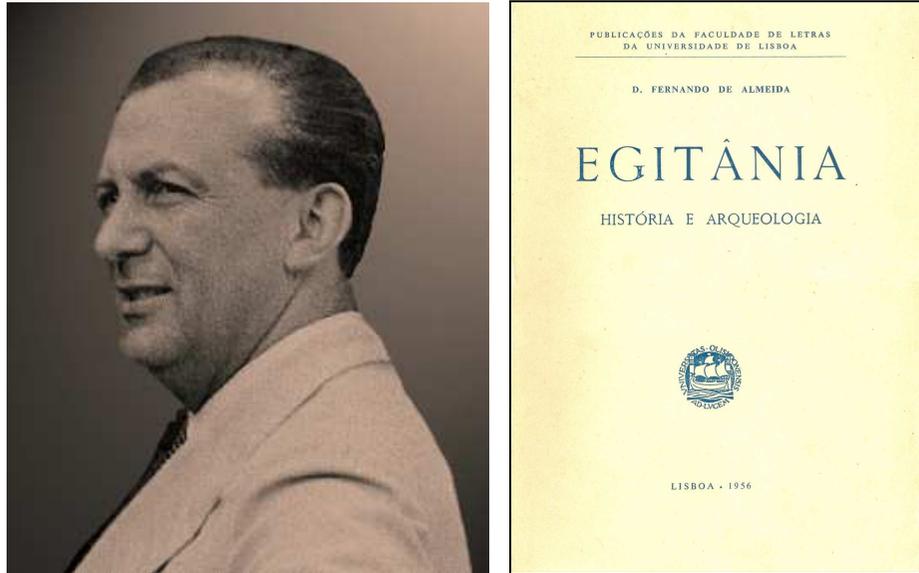


Figura 4. Fernando de Almeida e capa do seu livro *Egitânia-História e Cultura*.
<http://affundao.nice-theme.com/t51-d-fernando-de-almeida> (foto de Fernando de Almeida)

A 7 de Janeiro de 1955, D. Fernando de Almeida escreve ao Presidente do Instituto de Alta Cultura com o objectivo de obter 50000\$00 para iniciar investigações em Idanha-a-Velha. O pedido foi deferido e em Setembro 1955 iniciou-se a 1ª campanha de escavações sob a égide do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa.

Com Fernando de Almeida e seus colaboradores, com destaque para O. da Veiga Ferreira, iniciou-se um período áureo para a arqueologia de Idanha-a-Velha e da região envolvente (Ferreira & Almeida, 1956). As publicações com a apresentação de resultados não mais pararam analisando um alargado

conjunto de realidades arqueológicas datadas das épocas pré-histórica (Almeida & Ferreira, 1958, 1959, 1066, 1970, 1971), romana e visigótica (Almeida, 1962).

Da vasta bibliografia produzida por Fernando de Almeida, destacamos a *Egitânia – História e Arqueologia* (Almeida, 1956b), obra que ao mesmo tempo foi de síntese de saberes até essa data e de apresentação das principais problemáticas e linhas de investigação que sustentaram sucessivas campanhas de escavação até 1975.

Numa tentativa de compressão da paisagem rural romana da *civitas igaeditanorum*, este investigador com a colaboração de Maria da Graça Moreira realizou na estação romana de São Lourenço (Monsanto) uma sondagem arqueológica, em Dezembro de 1959. Os trabalhos neste arqueossítio foram retomado em 1983 e 1984 por Joaquim Batista, numa perspectiva de estudo e valorização do local. Aponte-se também os trabalhos que efectuou na vila romana da Várzea, Ladoeiro, onde se encontrou um notável mosaico (Almeida, 1975).

O Museu Lapidar Egeditano continuava aberto e no ano de 1956 estavam ali guardadas 50 inscrições de Idanha-a-Velha, dez outras encontravam-se no Museu de Castelo Branco e 54 no Museu Etnológico, em Lisboa (sendo seis moldes em gesso) e algum espólio da Anta de Medelim e uma significativa colecção numismática.

Scarlat Lambrino (1956) ao estudar a colecção de epígrafes do Museu Dr. Leite de Vasconcelos (Museu Nacional de Arqueologia), integra no rol cerca de cinco dezenas de inscrições, inéditas, oriundas de Idanha-a-Velha.

Nas Actas do I Congresso de Arqueologia, realizado em Dezembro de 1958, o padre João Pires de Campos (1959) publica o trabalho *Estações Arqueológicas, nas Bandas de Leste, no Concelho de Idanha*, onde divulga dez sítios de presumível importância arqueológica.

Nesta breve resenha histórica da actividade arqueológica por terras de Idanha não podíamos olvidar o superior papel de Octávio da Veiga Ferreira que só, ou em colaboração com Fernando de Almeida, dedicou mais de 15 anos (1956-1971) a dar vida, através da arqueologia, a Idanha-a-Velha e territórios vizinhos. À frente destacaremos um dos seus muitos trabalhos dedicados a estas terras, *Subsídio para a Carta Arqueológica da Região Egíptiense*, publicado em 1978.

Com a morte de Fernando de Almeida em 1975, Idanha-a-Velha continuou a concentrar as atenções nos domínios da preservação e da investigação arqueológica e alvo da aplicação de grandes projectos de afirmação do seu potencial arqueológico e monumental enquadrando nos desígnios de uma estratégia de desenvolvimento local e de turificação do passado concelhio.

O projecto desenvolvido em 1985 por Rogério de Carvalho e Madalena Costa Cabral na estação romana de Barros, em Oledo (Carvalho & Cabral, 1994), com a escavação de um grande edifício, alargou o conhecimento sobre a paisagem rural romana regional.

Sobre São Miguel de Acha destacamos os trabalhos do prof. J. Galdes Freire que nos anos 80, do século XX, publicou um conjunto de notícias (Freire, 1982) sobre a referida freguesia.

Anos mais tarde houve intervenção arquitectónica na capela românica de São Pedro de Vir-a-Corça (Monsanto) identificando-se, na ocasião, vários túmulos e algum espólio arqueológico (Ramos, 2009).

Do ponto de vista científico a acção da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) começou em 1972, designava-se na altura Grupo Amador Juvenil de Arqueologia. Em 1975 alterou o nome para Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e em 1988 para a actual denominação.

Até aos finais dos anos 70 desenvolveu actividade, essencialmente, nos territórios dos concelhos de Castelo Branco, Nisa e Vila Velha de Ródão. Com o desaparecimento do Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, sedado em Rosmaninhal, integrou este território na sua zona de acção.

O Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas editou um boletim, designado de Pelourinho, do qual se publicou apenas um número, em 1977.

No âmbito do Ano Europeu do Ambiente foi aprovado o projecto Paleontologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português, apresentado em 1986, pela AEAT. A implementação deste projecto na área do concelho de Idanha, principalmente em Rosmaninhal, proporcionou um enorme impulso no incremento do inventário de sítios com interesse arqueológico.

Em 1993 foi aprovado um outro projecto de investigação Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português, com vigência até 1998, que deu continuidade ao trabalho de prospecção antes iniciada neste concelho (Henriques, Caninas & Chambino, 1993) e à preparação da escavação em alguns monumentos.

Com o projecto *Altejo – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português* (1998-2003) foi dada continuidade aos trabalhos de prospecção e iniciaram-se escavações e sondagens em 12 sítios arqueológicos situados no território do concelho⁶.

Estes trabalhos deram origem a uma dezena de publicações, em revistas e reuniões científicas, da responsabilidade de Francisco Henriques, João Caninas, João Luis Cardoso e Mário Chambino (Cardoso, Caninas & Henriques, 1995, 1997a, 1997b, 2000, 2003; Cardoso et al, 1995; Cardoso, 2008, 2011a, 2011b, Henriques, Chambino & Caninas, 2012).

Ao abrigo deste projecto foi executada a primeira reconstrução, parcial, após escavação, de uma sepultura megalítica no distrito de Castelo Branco, a anta do Cabeço da Forca (Caninas *et al.*, 2008), em Rosmaninhal.

Em 2000, o lançamento do projecto *Muros-apiários da Península Ibérica. O Mel e os Ursos* contribui para a inventariação de várias estruturas deste tipo no concelho de Idanha. Este projecto deu origem, em 2010, a um volume

⁶ Menir das Cegonhas (1993), Anta 6 do Couto da Espanhola (1995), Recinto Megalítico do Couto da Espanhola (1995), Anta 2 do Couto da Espanhola (1996), Anta 2 do Amieiro (1997), Anta 3 do Amieiro (1997), Anta 5 do Amieiro (1998), Anta do Poço do Chibo (1998), Anta 8 do Amieiro (1999), Anta do Cabeço da Forca (1999-2000), Anta 1 do Amieiro (2000), Anta 9 do Amieiro (2000).

específico da revista *Açafa on Line*⁷, a outros documentos (Henriques *et al*, 1999-2000; 2010) e à publicação de uma síntese em congresso internacional (Caninas, Henriques & Alvares, 2014). Estas construções vernaculares têm um potencial interesse arqueológico.

Em 1978 o Instituto Português do Património Cultural nomeia uma comissão com o objectivo de revitalizar a investigação arqueológica em Idanha-a-Velha, sem sucesso prático (Encarnação, 1996).

Três anos mais tarde o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra foi incumbida de rever o espólio arqueológico de Idanha-a-Velha. Coordenaram o grupo de trabalho José d'Encarnação e Vasco Gil Mantas, durante quatro anos (1982-1986).

Vasco Gil Mantas publica, em 1998, uma primeira síntese global da epigrafia egitaniense (Mantas, 1998) além de outras reflexões sobre o processo de romanização e monumentalização do espaço urbano da cidade romana.

Em 1990 iniciou os trabalhos de escavação no povoado da Cachouça (Vilaça, 2007), que se prolongaram até 1999 e em 1991 deu início às escavações no Monte do Trigo (Vilaça, 1995b), com intervenções que decorreram até 1997.

Desde o início dos seus trabalhos na Beira não mais deixou de estudar e publicar trabalhos relativos a sítios e materiais da região, datados da Idade do Bronze, integrados ou não em leituras temáticas mais globais.

⁷ http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n3.asp



Figura 5. Raquel Vilaça

(<http://www.uc.pt/uid/cea/investigadores/investigadoresphd/raquelvilaca>)

Em 2007, surge o trabalho *Civitas Igaeditanorum - Os Deuses e os Homens*, de Ana Marques de Sá (2007), obra exaustiva na qual são inventariadas 280 inscrições do concelho de Idanha-a-Nova complementadas com considerações sobre a sociedade egitaniense. Este documento pretende também ser uma actualização do catálogo epigráfico de Idanha-a-Velha da responsabilidade de Fernando de Almeida.



Figura 6. Capa do livro de Ana Sá

Paralelamente ao conjunto de nomes e entidades referidas acresce um vastíssimo conjunto de investigadores, não referidos, mas que deram um contributo imprescindível para colocar num patamar superior a arqueologia deste concelho. Não deixaremos de mencionar alguns.

Depois dos trabalhos percursores de O. da Veiga Ferreira (Almeida & Ferreira, 1966), o estudo de manifestações gráficas, gravadas e pintadas, teve um

incremento recente sobretudo no rio Erges com os trabalhos de Luis Nobre e Andrea Martins (Nobre, 2009; Martins & Nobre, 2013) e de Francisco Henriques, Mário Chambino, João Caninas, André Pereira, Emanuel Carvalho e Hugo Pires (Henriques et al, 2011, 2012, 2015).

Para o período pré-histórico e além dos mencionados destacam-se M. Telles Antunes (1992), Mário Varela Gomes (Cardoso *et al*, 1995b), Caetano de Melo Beirão (Gomes & Caetano, 1988), Georg e Vera Leisner (1959), Vera Leisner (1998), André Tomás Santos (2000), M. Farinha dos Santos (1986) e L. Sousa (1911).

Para a Época Romana e especialmente no domínio da epigrafia sobressaem os nomes de José d'Encarnação (1975, 1987), Jorge Alarcão (1973, 2004), Fernando Patrício Curado (2008), José Cristóvão (2005), João Carlos Lobão (Lobão & Cristóvão, 2006), Maria Cassilda Domingos Santos (2003), Rogério de Carvalho (Carvalho & Encarnação, 2001), Maria João Amaro (1993), Artur Corte-Real (Corte-Real & Encarnação, 1989), Vasco Mantas (1988), José Manuel Garcia (1984), Manuel Leitão (1995), Carlos Banha, António de Carvalho Quintela e José Manuel Mascarenhas (Quintela, Cardoso & Mascarenhas, 1995), Pedro Salvado (Carvalho & Salvado, 1986), Joaquim Candeias da Silva (1998), Madalena Costa Cabral (Cabral & Carvalho, 1996), Ana Paula Ramos Ferreira (2004), Fernanda Cristina Repas (2001).

Mais recentemente a investigação do *forum* romano de Idanha-a-Velha teve um incremento importante sob a direcção de Pedro Carvalho, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Carvalho, 2009). Na continuação desta linha de investigação que aprofunda o conhecimento do

urbanismo e tradição arquitectónica salientem-se os trabalhos levados a cabo na área envolvente da chamada catedral da Egitânia pelos arqueólogos Isabel Sánchez Ramos e Jorge Morin de Pablos, que implementaram um exemplar e, metodologicamente, inovador projecto de investigação. Estes trabalhos têm contribuído para o reforço da excepcionalidade deste arqueossítio, como foco fundamental para a reconstrução das dinâmicas da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média numa escala ibérica.

A temática da mineração antiga tem estado presente na investigação. Vejamos alguns dos autores que contribuíram para o conhecimento da riqueza mineira do concelho, principalmente o ouro. São eles Samuel Schwarz (1933) com trabalho pioneiro, John C. Allan (1965), J. Silva Carvalho (Carvalho & Ferreira, 1954), F. Javier Sánchez-Palencia e L. Carlos Pérez García (2005), Francisco Henriques e Mário Chambino (Henriques et al., 2011) e José d'Encarnação, Pedro Salvado, Carlos Batata e Joaquim Baptista que reencontraram o monumento epigráfico CIL II 5132.

Acrescem os estudos sistemáticos de caracterização do património geológico e mineiro do território do Geopark Naturtejo, acção em que se destacam os geólogos Carlos Neto de Carvalho e Joana Rodrigues (Rodrigues, Neto de Carvalho & Geraldès, 2008).

No estudo da Antiguidade Tardia e Época Medieval destacamos, ainda, os trabalhos de Cláudio Torres (1992), de Paulo Almeida Fernandes (2006), de Jaime Lopes Dias (1935), de Humberto Beja (1922) e de António Pires Nunes (2005) que desde há algumas décadas desenvolve trabalho continuado sobre estruturas militares neste município.

A temática funerária também foi objecto de um recente inventário referente à freguesia de Rosmaninhal (Chambino, Henriques & Caninas, 2015) assim como a apreensão das dimensões históricas da paisagem cultural a partir da reanálise de fontes de natureza arqueológica, linha de trabalho presente em Adelaide Salvado, Mafalda Ramos e Jorge de Alarcão (2001).

Aponte-se, ainda, a frequência de referências a arqueossítios ou a achados recolhidos neste concelho em obras que unem o território egeditano a leituras de escala nacional ou peninsular como a monografia sobre ourivesaria e entesouramentos, de K. Raddatz (1969), a que versou as origens e circulação de artefactos durante o Bronze Final, de André Coffyn (1985), ou as densas cartografias religiosas indígena-romanas apresentadas em trabalhos de Olivares Pedrenõ (2002) ou de Blanca Prósper (2002), entre muitos outros investigadores a partir do pioneiro inventário de José d' Encarnação (1975).

A partir deste rol torna-se evidente a riqueza e a variedade das materialidades arqueológicas do território egitaniense e o elevado número de arqueólogos que o percorreram, o estudaram e sobre ele escreveram. Nas últimas décadas este conhecimento alargou-se com a obrigatoriedade, legal, de integrar o património arqueológico na avaliação de impacte ambiental de projectos e de executar o acompanhamento arqueológico das respectivas obras.

Em 1997 o conjunto arquitectónico e arqueológico de Idanha-a-Velha foi finalmente classificada como Monumento Nacional através do Decreto n.º 67/97, DR, I Série-B, n.º 301, de 31 de Dezembro⁸.

⁸ Em 29.09.1948 havia sido classificado como Monumento Nacional o Castelo e as Muralhas de Monsanto (Diário da República, I série, n.º 228, Dec. n.º 37077). Além destes dois Monumentos Nacionais

Esta classificação assume o culminar de uma série de trabalhos de escavação, consolidação, protecção e divulgação patrimonial que decorrerão entre 1987 e 1990 sob a direcção do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro (Corte-Real, 1996), acções que delimitaram as intervenções posteriores no modelado monumental de Idanha-a-Velha enquadradas no Programa Nacional das Aldeias Históricas.

O programa de escavações patrocinadas pelo SRAZC, posteriormente Divisão de Arqueologia da Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Cultural, orientadas principalmente por Artur Corte-Real, permitiu a definição progressiva de uma estratégia que ansiava compaginar os interesses da ciência com as prementes necessidades de infraestruturas básicas desta sofrida população em processo de diluição demográfica.

Se Idanha-a-Velha foi, durante várias décadas, o pólo catalisador e dinamizador da arqueologia egitaniense, esse esforço extravasou rapidamente para outras áreas, períodos históricos e investigadores. Entretanto, podemos afirmar que apenas Idanha-a-Velha conseguiu manter a investigação arqueológica, de modo continuado, praticamente em todo o século XX.

o concelho de Idanha-a-Nova tem, efectivamente, classificados 18 Monumentos de interesse público de que destacamos a Vila Romana de Barros, a Estação Arqueológica de São Lourenço (1992), a Capela Românica de São Pedro (1956), cinco pelourinhos (Zebreira, Salvaterra do Extremo, Rosmaninhal, Monsanto, Idanha-a-Velha), duas igrejas matrizes (Proença-a-Velha e Salvaterra do Extremo) e uma igreja da misericórdia (Proença-a-Velha).

Publicações com características de Carta Arqueológica

O Concelho de Idanha-a-Nova, na sua vastíssima bibliografia de cariz arqueológico, possui unicamente cinco documentos públicos com características de carta arqueológica.

O primeiro, *Archeologia do Districto de Castello Branco*, datado de 1910, é da responsabilidade de Francisco Tavares de Proença Júnior (1910) sendo o único que cobre a totalidade do território municipal. O autor destaca 16 localidades do concelho, quase todas sedes de freguesia, e para cada uma delas indica os vestígios identificados no seu aro, o paradeiro, o espólio móvel, a época, ou a actividade arqueológica exercida por outros na área do concelho de Idanha-a-Nova.

Os vestígios arqueológicos identificados são de diferentes tipologias (instrumentos de pedra polida, antas, vestígios romanos, castros, sepulturas escavadas na rocha, outras) e épocas (da Pré-História Recente ao Período Medieval).

O segundo documento, *Subsídio para a Carta Arqueológica da Região Egitaniense*, foi elaborado por Octávio da Veiga Ferreira (1978) e divulgado na revista *Setúbal Arqueológica* no final da década de 70.

É uma síntese da sua actividade, enquanto arqueólogo (Cardoso, 2008b) e dos seus colaboradores, durante 15 anos (1956-1971) naquele território. Regista monumentos de várias épocas (do Paleolítico à Alta Idade Média, com destaque para o período Romano) e diferentes tipologias (duas estações do

Paleolítico; 20, ou mais, sepulturas megalíticas; dois menires; dois sítios com arte rupestre (pintura e gravura); um castro; duas pontes romanas, uma barragem romana; três locais com várias lagariças; várias sepulturas romanas / paleo-cristãs, isoladas ou agrupadas em necrópole.



Figura 7. Octávio da Veiga Ferreira
(<http://alfeizerense.blogspot.pt/2015/06/o-castelo-de-d-ramundo-as-escavacoes.html>)

Este investigador publica um mapa da região da Egitânia, na escala de 1/100000, onde regista, aproximadamente, a localização dos monumentos e sítios com importância arqueológica.

A área de incidência deste inventário é definida por um rectângulo delimitado: “a norte pelo marco geodésico do Seixo, a nascente de Proença-a-Velha, Medelim, Monsanto, marco geodésico de Boixaes Grandes e Penha Garcia. A sul, pelos marcos geodésicos de Lombada das Colmeias, Areias da Atalaia e Vermelho. A oeste pelos marcos geodésicos do Seixo, Torrão, Camias, Lomba do Rochoso e Rabaças e a nascente por Penha Garcia e os marcos geodésicos de Vieiros, Murracha, Amarelos e Vermelho”.

Não descreve esses sítios mas remete, quase sempre, para bibliografia específica, do próprio.

Em 1993, a Associação de Estudos do Alto Tejo publica o terceiro volume da *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, no nº 14 a 16 do seu boletim *Preservação*.

Este documento, assinado por F. Henriques, J. Caninas e M. Chambino, resulta da actividade de prospecção executada entre os anos 1977 e 1992, no sul do concelho de Idanha-a-Nova, no território da freguesia de Rosmaninhal. É mais um registo exaustivo de uma parcela do vasto território egitaniense.

Os autores inventariam 162 ocorrências de interesse arqueológicos e para cada um delas fornecem descrição, cartografia e registo fotográfico. Em termos cronológicos existe uma larga diacronia, do Neo-Calcolítico à Época Moderna. Os períodos históricos mais representativos são o Neo-Calcolítico com 122 sítios (75,3%) e os da Época Romana e Medieval com 10 unidades cada (6,17%).

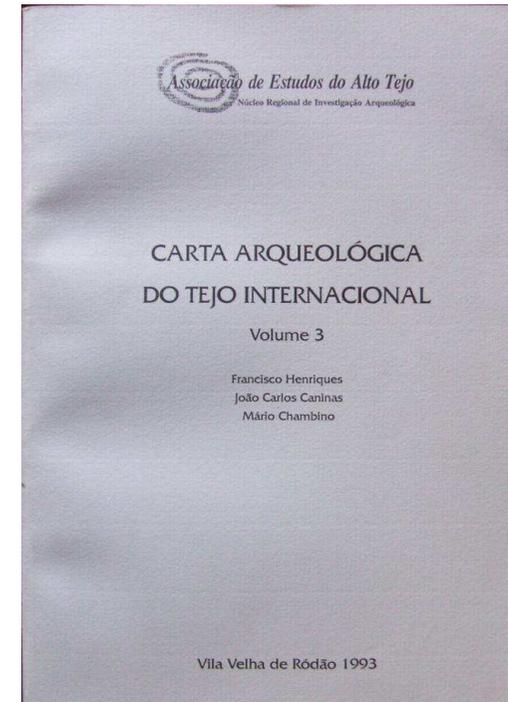


Figura 8. Carta Arqueológica do Tejo Internacional

Os trabalhos de prospecção, em território de Idanha-a-Nova, continuaram ao longo dos anos seguintes e foram documentados em relatórios apresentados à DGPC (e entidades de tutela antecedentes), ainda que os resultados se tenham mantido, em grande parte, inéditos.

O **quadro 1** sintetiza o número de sítios e monumentos identificados entre 1998 e 2009 nas freguesias beneficiadas com trabalho de campo. Os

APONTAMENTOS SOBRE A INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA

Francisco Henriques, Pedro Salvado, João Caninas e Mário Chambino

responsáveis científicos por essa acção são F. Henriques, M. Chambino e J. Caninas, com a colaboração de V. Camisão.

Quadro 1

Número de ocorrências arqueológicas identificadas pela AEAT entre 1998 e 2009 nas várias freguesias do concelho de Idanha-a-Nova

Freguesias do concelho de Idanha-a-Nova	Relatório para DGPC (IGESPAR, IPPAR, IPA) Anos e número de sítios registados (inéditos)								Total de sítios
	1998	1999	2000	2001	2004	2007	2008	2009	
Alcafozes					1				1
Aldeia S. Margarida	3								3
Idanha-a-Nova	12	1							13
Ladoeiro	13	4			1				18
Monsanto	1				4		18		23
Oledo	1								1
Penha Garcia	1								1
Proença-a-Velha	1		1						2
Rosmaninhal	53	18		6	49	15	8	8	157
Salva. do Extremo	1								1
São Miguel de Acha	3		9						12
Segura			2			16	19		37
Zebreira	7				22				29
Total									298

Cerca de 60% dos 569 sítios arqueológicos do concelho de Idanha-a-Nova (**Figura 9**), que estão registados na base de dados da Direcção Geral do Património Cultural (Endovélico), resultam da pesquisa produzida pelos signatários e respectiva equipa.

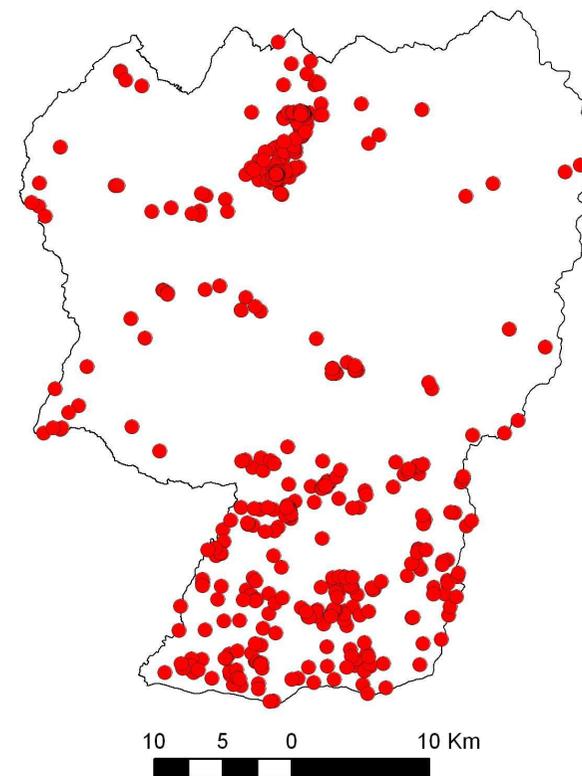


Figura 9. Sítios arqueológicos do Endovélico (DGPC) em 2015

O quarto documento, a *Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha*, tem, de igual modo, características parcelares. É da autoria de Joaquim Batista e foi editado pela Associação de Estudos do Alto Tejo, em 1998, no seu boletim *Preservação*.



Figura 10. Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha

Este inventário divide as ocorrências arqueológicas em três áreas: monumentos e sítios situados no interior das muralhas de Idanha-a-Velha, em número de 17; monumentos e sítios situados no exterior das muralhas, em número de 42 e por fim monumentos e sítios situados fora da área da cidade romana, em número de 41.

O autor utiliza ficha individualizada para descrever cada uma das ocorrências, a respectiva cartografia e a bibliografia associada, além de sete fotos e duas plantas de estruturas. Como era expectável, nesta freguesia, o rol de monumentos e sítios, embora de tipologia diversificada, corresponde maioritariamente à época romana (51%), seguindo-se as épocas Romana-Medieval (14%) e Medieval – Moderna (12%).

O documento mais recente, de que temos conhecimento, datado de 2008, é da autoria de F. Henriques, J. Caninas, M. Chambino e V. Camisão e foi publicado no primeiro número da revista *Açafa on-line*, com o título *Cartografia Arqueológica da Freguesia de Monsanto (Idanha-a-Nova) – Primeira Notícia*. (<http://www.altotejo.org/acafa/default.asp>). Neste documento são inventariados 82 sítios e monumentos de tipologia diversa, com predomínio de lagares escavados na rocha. Os monumentos apresentados são cronologicamente de uma ampla diacronia com destaque para a Época Romana-Medieval-Moderna e Medieval – Moderna.

Tendo em conta a riqueza arqueológica do concelho e a ausência de uma estrutura museológica que a represente na globalidade destacamos o Arquivo Epigráfico de Idanha-a-Velha, aberto ao público em 23 de Setembro de 2008 e

constituído por 86 peças, de um total de 274, o que só por si representa o maior conjunto epigráfico local, em território português.

Considerações finais

Podemos afirmar que as últimas décadas de investigação arqueológica neste território proporcionaram um melhor conhecimento da ocupação humana antiga, em termos geográficos, cronológicos e sócio-culturais, devido a uma prática descentrada de investigação, resultante sobretudo dos interesses dos investigadores, mas alargando a área geográfica e cronológica para além de Idanha-a-Velha e da Época Romana.

Para o aprofundamento do conhecimento já adquirido é indispensável que as autarquias assumam o seu importante e indispensável papel na defesa, conservação, estudo e gestão do património histórico – arqueológico, seja de modo isolado, seja em associação com as universidades, as associações e as empresas.

As administrações locais estão em boa posição para o fazer, pela proximidade e conhecimento que possuem das tendências e intenções de alteração do uso do solo e da paisagem na sua área de jurisdição. São igualmente as autarquias as entidades que melhor podem proporcionar o usufruto dos bens patrimoniais (culturais), em primeiro lugar aos seus munícipes.

Para o cumprimento dos objectivos indicados é indispensável adquirir um conhecimento prévio do território dos seus bens culturais (o que são, onde estão e qual o seu valor) e das suas potencialidades intrínsecas.

A obtenção de um inventário extensivo, sistemático, actualizado e georeferenciado dos imóveis de interesse arqueológico (monumentos e sítios) e ainda de achados notáveis, é um requisito essencial para o planeamento, uso e ordenamento desse território.

Por último, e ponderando a quantidade, a qualidade e a diversidade do espólio arqueológico recolhido ao longo de várias décadas no concelho de Idanha-a-Nova, considera-se da maior relevância a criação, na sede do município, de um espaço de exposição pública deste importante acervo, de tipo museológico, e também de um depósito credenciado que albergue a maioria do espólio arqueológico daqui oriundo, disperso por inúmeras instituições. Esta infraestrutura seria complementar ao desenvolvimento social e económico do concelhio e mais uma oferta de valor patrimonial e turístico a acrescentar às actuais valências proporcionadas pelo Geopark Naturtejo - território UNESCO.

Outra dimensão poderá ser cumprida através da criação do Museu Arqueológico em Idanha-a-Velha, aspiração da museologia regional, tornando a aldeia num grande laboratório de investigação e de restauro desdobrando-se a sua acção museal e missão de investigação numa geografia polinucleada de descodificação de distintos lugares da história da paisagem cultural raiana.

Em 1589 o padre erudito Amador Arrais quando estas centralidades da memória histórica manifestavam uma estrutural tendência para se transformarem em míticos cenários de esquecimento interrogava: «Que se fez da Igedita cidade Cathedral que chamamos Idanha? Onde fica com os seu marmores, & letreiros inscriptos? (...) Por ella passava a estrada da prata, que Augusto Caear mandou continuar tẽ Caliz, como dizem, que se mostra per um letreiro de marmore que eu nam vi.»

A arqueologia, como matéria de interrogação continuada, poderá contribuir para epigrafar nos territórios renovados alentos que fomentem quotidianos plenos de vida e de futuro.

Bibliografia

Abascal, J. M. & Cebrian, R. (2005) Manuscritos sobre antiguidades de la Real Academia de la Historia. Madrid. Real Academia de la Historia. Madrid: 168.

Alarcão, J. (2001) Novas perspectivas sobre os Lusitanos, e outros mundos. Revista Portuguesa de Arqueologia, 24 (2). Lisboa: 293-349.

Alarcão, J. (2013) Beira Baixa: terra tomada sem guerra. CEAUCP. Coimbra.

Alarcão, J. de (1973) Portugal Romano. Editorial Verbo, História Mundi, nº 33. Lisboa: 221 p.

Alarcão, J. de (2004) Da Idade do Bronze Final ao Período Suévico no Distrito de Castelo Branco. Arqueologia:coleções de Francisco Tavares de Proença Júnior, Instituto Português de Museus. Castelo Branco: 46-53.

Allan, J. C. (1965) A Mineração em Portugal na Antiguidade. Boletim de Minas, 2 (3). Lisboa:137-173.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1956) Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidar igeditano (Idanha-a-Velha). Revista de Guimarães, 66. Guimarães: 103-108.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1958) Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. Revista de Guimarães, 68. Guimarães: 317-322.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1959) Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. 1º Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Lisboa: 225-230.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1966) Descoberta das primeiras insculturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha. Lucerna, 5. Porto: 425-433.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1970) Descoberta de uma estação languedocense em Idanha-a-Velha. Actas das 1ª Jornadas Arqueológicas, 1. Lisboa: 235-240.

Almeida, D. F. & Ferreira, O. da V. (1971) Um monumento pré-histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). 2º Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Coimbra: 163-168.

Almeida, D. F. (1956) Egitânia – História e Arqueologia. Publicações da Universidade de Letras da Universidade de Lisboa.

Almeida, D. F. de (1962) Arte visigótica em Portugal. O Arqueólogo Português, IV (nova Série). Lisboa: 5-278.

Almeida, D. F. e O. Veiga Ferreira (1956) Antiguidades de Monsanto da Beira. Revista de Guimarães. Guimarães: 407-425.

Almeida, F. (1975) Sur quelques mosaïques du Portugal, Torre de Palma et autres. La mosaïque gréco-romaine. Vienne (Paris). II, 219-226.

Almeida, General J. de (1945) Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, vol. I, Beira. Edição do Autor. Lisboa: 432-467.

Almeida; F. (2006) Antes e depois da Arqueologia da Arquitectura: um novo ciclo na investigação da Mesquita-Catedral de Idanha-a-Velha. Artis, 5: 49-72.

Amaro, M. J. (1993) Ara votiva do Ladoeiro (Conventus Emeritensis). Ficheiro Epigráfico, Instituto de Arqueologia, 44. Coimbra.

Antunes, M. T. (1992) Povoados do Bronze Final da Beira Baixa – Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade: Elementos Arqueozoológicos. Conimbriga, 31. Coimbra: 31-39.

Arrais, Frei Amador (1974) Diálogos. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: 242.

Banha, C. C. M. (2008) Ânforas Romanas de Idanha-a-Velha na Colecção do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, comunicação ao Congresso

Internacional de Arqueologia, Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, 17 a 19 de Abril. Castelo Branco.

Batista, J. (1998) Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 116 p.

Beja, H. (1922) Castelos de Portugal. Os Castelos da Beira Histórica, tese apresentada ao Congresso Beirão. Porto.

Cabral, M. C. e Carvalho, R. (1996) A Villa Romana dos Barros – Primeira Notícia. Materiais, Série II, nº 0, vol. 2. Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco: 57-70.

Campos, J. P. de (1959) Estações Arqueológicas, nas Bandas de Leste, no Concelho de Idanha. Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, realizado em Lisboa de 15 a 20 de Dezembro de 1958). Instituto de Alta Cultura, vol. I. Lisboa:371-380.

Caninas, J. & Henriques, F. (2010) Arqueologia. In Notícia Explicativa das Folhas 25-C, 25-D, 29-A Rosmaninhal, Segura e Retorta (sector norte) da Carta Geológica de Portugal na escala 1:50000. Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Lisboa: 45-48.

Caninas, J. C.; Henriques, F. & Álvares, F. (2014) Apiary-walls and pitfall-traps in Portugal: archaic constructions for wild animals. Vernacular Heritage and Earthen Architecture: contributions for sustainable development - Correia, Carlos & Rocha (Eds). Taylor & Francis Group, London. Texto sujeito a arbitragem científica. Premiado na respectiva secção (Territory and environmental adaptation) com Best Paper Award - International Conference

on Vernacular Heritage and Earthen Architecture, pela Escola Superior Gallaecia & ICOMOS – CIAV.

Caninas, J. C.; Henriques, F.; Sabrosa, A & Chambino, M. (2008) Trabalhos de reconstrução da anta do Cabeço da Forca (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). Açafa on line, 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 14 p.

Cardoso, J. L. (2008) The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions. In P. Bueno-Ramirez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Berhmann, Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula. BAR International Series, 1765. Oxford: 103-115.

Cardoso, J. L. (2008b) O. da Veiga Ferreira (1917-1997): sua vida e obra científica. In João Luís Cardoso, *O. da Veiga Ferreira. Homenagem ao Homem, ao Arqueólogo e ao Professor*. Oeiras: Estudos Arqueológicos de Oeiras, 16. Oeiras: 13-123.

Cardoso, J. L. (2011a) A estela antropomórfica do Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e “colares”. IV Jornadas Raianas “Estelas e estátuas-menires da Pré e Proto-História”. Sabugal: 89-116.

Cardoso, J. L. (2011b) The anthropomorphic stele at Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): contextualization amongst other Diadem-Steles in the Iberian Peninsula. *Complutum*, 22 (1). Madrid: 89-106.

Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997b) Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo

Internacional. Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 23-28 Setembro 1996), Tomo II-Neolítico, Calcolítico y Bronce. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 207-215.

Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F. (2003) Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). O Arqueólogo Português, Revista do Museu Nacional de Arqueologia, nova série, 21. Lisboa:151-207.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1995) A anta 6 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 3. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 19-37.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997a) A anta 2 do Couto da Espanhola (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-Históricos, 5. Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. Viseu: 9-28.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (2000) Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado. Actas do I Colóquio Internacional sobre megalitismo (Monsaraz, 1996). Trabalhos de Arqueologia, 14. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 195-214.

Cardoso, João Luís; Gomes, Mário Varela; Caninas, João Carlos & Francisco Henriques (1995b) O Menir das Cegonhas (Idanha-a-Nova), Estudos Pré-Históricos, III, Viseu, p. 5-17.

Carvalho, J. Silva & Ferreira, O. da Veiga (1954) Algumas Lavras Auríferas Romanas. Estudos, Notas e Trabalhos, Vol. IX (fasc.1/4). Lisboa: 7-26.

Carvalho, P. (2009) O *forvm* dos *Igaeditani* e os primeiros tempos da *Civitas Igaeditanorum* (Idanha-a-Velha, Portugal). *Archivo Español de Arqueologia*, 82: 115-131.

Carvalho, R. & Cabral, M. Costa (1994) A Villa Romana de Barros – Oledo, Primeira Notícia. *Portugália*, nova série, 15. Universidade de Letras da Universidade do Porto. Porto: 61 – 82.

Carvalho, R. & Salvado, Pedro (1986) A Propósito de um Prato de Terra Sigillata do Concelho de Idanha-a-Nova. *Trebaruna*, 2. Centro de Estudos Epigráficos da Beira. Castelo Branco: 43-46

Carvalho, R. P. & d'Encarnação, J. (2001) Ara anepígrafa de Monsanto (*Civitas Igaeditanorum*). *Ficheiro Epigráfico*, Instituto de Arqueologia, 68. Coimbra.

Chambino, M.; Henriques, F. & Caninas, J. C. (2015) Sepulturas escavadas na rocha da freguesia de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova). *Actas do 2º Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário. CHAIA / Universidade de Évora* (29 de Abril a 1 de Maio de 2013). Évora: 272-288.

Coffyn, A. (1985) *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. *Publications du Centre Pierre Paris 11* (Collection dela Maison des Pays Ibériques 20). Paris.

Côrte-Real, A. (1990) Epitáfio de *Quadratus* (*Aegitania*). *Ficheiro Epigráfico*, 34. Instituto de Arqueologia. Coimbra.

Côrte-Real, A. (1996a) Estação arqueológica de Idanha-a-Velha: ações desenvolvidas pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro no

âmbito do estudo, conservação e valorização do sítio (1987-199). *Materiais*, 0 (2) (2ª Série, ano 1). Castelo Branco: 21-44.

Côrte-Real, A. (1996b) Um monumento ressuscitado CIL 435. *Materiais*, 0 (2) (2ª Série, ano 1). Castelo Branco: 53-55.

Côrte-Real, A. & Costa, A. Alves (2000) *Idanha-a-Velha - memórias em imagens*. Idanha-a-Nova.

Côrte-Real, A. & D'Encarnação, J. (1990) Homenagem a Sula Lucrício (*Aegitania*). *Ficheiro Epigráfico*, 34. Instituto de Arqueologia. Coimbra.

Cristóvão, J. L. (2005) Breve Estudo Sobre a Organização do Espaço Público e os Equipamentos Urbanos da Cidade de Idanha-A-Velha (dos Finais do Século I A.C. ao Limiar do Século IV). In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia: actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior*. Centro de Estudos Ibéricos (Guarda, 21 e 22 de Outubro de 2004). Guarda: 189–204.

Curado, F. (2008) *Epigrafia das Beiras (Notas e Correções – 2)*. *Ebrobriga*, 5. Fundação: 121-148

Dias, J. Lopes (1935) *Pelourinhos e Forcas do Distrito de Castelo Branco*. Lisboa.

Encarnação, J. d' (1987) *Divindades indígenas da Lusitânia*. *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia, 26. Coimbra: 5-37.

Encarnação, J. D'; Salvado, P.; Batata, C.; Batista, J. (2011) *Gestão aurífera e afirmação epigráfica: o caso de Tiberius Claudius Rufus (CIL II 5132) de*

Idanha-a-Velha. Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu.

Encarnação, J. d' (1975) Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo). Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa.

Encarnação, J. d' (1975) Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o seu Estudo). Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa.

Encarnação, J. d' (1996) Libertos no Termo da Egitânia Romana. Materiais, 0 (2) (2º série, ano 1). Castelo Branco: 13-19.

Fernandes, P. Almeida (2006) Antes e Depois da Arqueologia da Arquitectura: Um Novo Ciclo na Investigação da Mesquita-Catedral de Idanha-a-Velha. Artis, 5: 49-72.

Ferreira, A. P. Ramos (2004) Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade? Lisboa.

Ferreira, O. da Veiga (1978) Subsídio para a Carta Arqueológica da Região Egítaniense. Setúbal Arqueológica, 4. Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal. Setúbal: 227-240.

Fonseca, C. da (1927) A Aegitanea : (Idanha-a-Velha). Imprensa Nacional de Lisboa. Lisboa: 22 p.

Freire, J. Galdes (1982) Vestígios Arqueológicos em S. Miguel de Acha. Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor. Penamacor.

Garcia Fernández Albalat, B. (1990) Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania antiguas. La Coruña.

Garcia Fernández Albalat, B. (1993-94) La diosa Erbina, la soberania guerrera feminina y los limites entre Igaeditanos y Vetones. Conimbriga, 32-33. Coimbra: 383-401.

Garcia, E. (1938) As Moedas Visigodas da Egitânia. Castelo Branco: 25 p.

Garcia, J. M. (1984) Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Edição Ministério da Cultura – Museu Tavares de Proença Jr. Castelo Branco.

Gomes, M. Varela e Beirão, C. Melo (1988) O Tesouro da Colecção de Barros e Sá, Monsanto da Beira (Castelo Branco). Veleia, 5: 125-136.

Henriques, F.,; Caninas, J. C, (2004) O Megalitismo da Região de Castelo Branco na obra de Francisco Tavares de Proença Júnior e trabalhos posteriores. Catálogo da Exposição “Arqueologia: colecções de Francisco Tavares de Proença Júnior, Instituto Português de Museus / Museu de Francisco Tavares de Proença Jr. Castelo Branco: 28-35.

Henriques, F.; Batata, C.; Chambino, M.; Caninas, J. & Cunha P. P. (2011) Mineração Aurífera Antiga, a Céu Aberto, no Centro e Sul do Distrito de Castelo Branco. Actas do VI Simpósio Sobre Mineração e Metalurgia

Históricas no Sudoeste Europeu. Vila Velha de Ródão. Editor Carlos Batata. Abrantes.

Henriques, F.; Caninas, J. & Chambino, M. (1993) Carta Arqueológica do Tejo Internacional. Associação de Estudos do Alto Tejo. Preservação, 14-16, vol. 3. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C., Chambino, M. & Pires, H. (2015) Arte rupestre em área de fronteira. Comunicação ao 19º International Rock Art Conference. IFRAO, Cáceres.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Cardoso, J. L.; Chambino, M. (2011) Grafismos Rupestres Pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal). P. Bueno Ramirez, E. Cerrillo Cuenca & A. Gonzalez Cordero, coord., From the origins: The prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 199-217.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Chambino, M.; Pereira, A. & Carvalho, E. (2012) Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. Trabalhos de Arqueologia, 54. Direcção-Geral do Património Cultural. Lisboa: 293-312.

Henriques, F.; Caninas, J.; Branco, F.; Santos, C. & Gardete, J. J. (1999 – 2000) Muros - Apiários da Bacia do Médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres). Ibn Maruán, 9-10. Marvão: 329- 363.

Henriques, F.; Caninas, J.; Chambino, M.; Prata, J. T. & Gardete, J. (2010) Os muros-apiários da região de Castelo Branco e zona envolvente. Açafa Online, 3. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 149 p.

Henriques, F.; Chambino, M. & Caninas, J. C. (2012) A estela de guerreiro (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova). Revista Sabucale, 4. Museu Municipal do Sabugal: 25-44.

Hubner, E. (1869 e 1892), Corpus Inscriptionum Latinarum – II, Supplementum. Berlim.

Jordão, L. M. (1949) Portugalliae Inscriptones Romanas. Lisboa.

Lambrino, S. (1956) Inscriptions Latines du Musée Dr. Leite de Vasconcelos. O Arqueólogo Português, III série. Lisboa: 5-77.

Leal, M. Pereira da Silva (1729) Memórias para a historia eclesiástica do bispado da Guarda, 1. Lisboa.

Leisner, G. e V. (1959) Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel - Der Westen. Madrider Forschungen, Vol. I. Berlim.

Leisner, V. (1998) Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel – Der Westen. Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Berlin.

Leitão, M. (1995) Fragmento de uma Ara da Senhora da Granja (Idanha-a-Nova), Ficheiro Epigráfico, 15. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Lobão, J. C. & Cristóvão, J. (2006) Ara a Júpiter, de Idanha-a-Velha (Conventus Emeritensis). Ficheiro Epigráfico. Instituto de Arqueologia, 81. Coimbra.

Lopes, F. Pina (1951) A Egitânea Através dos Tempos. Lisboa.

Machado, J. L. Saavedra (1965) O Dr. Félix Alves Pereira e o Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Lisboa.

Mantas, V. Gil (1988) *Orarium Donavit Igaiditanis*: Epigrafia e Funções Urbanas Numa Capital Regional Lusitana. Actas do 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua, vol. II. Santiago de Compostela: 415-439, 419-420.

Marrocos, A. C. Manzarra (1936) Idanha-a-Velha – Estudo Antropogeográfico. Famalicão.

Martins, A. & Nobre, L. (2013) Um novo abrigo com pintura rupestre esquemática: o abrigo de Segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura. Arqueologia em Portugal, 150 Anos. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 515-521.

Nobre, L. (2009), Arte Rupestre do Tejo Internacional – Últimos Trabalhos. Jornadas de Arqueologia do Vale do Tejo em Território Português. Centro Português de Geo-História e Pré-História. Lisboa: 199-207.

Nunes, A. L. Pires (2005) Os Castelos dos Templários da Beira Baixa. Cadernos do Património Cultural da Beira Baixa. Idanha-a-Nova.

Olivares Pedreño, J. C. (2002) Los dioses de la Hispania celtica. Madrid.

Pereira, F. A. (1909) Ruínas de Ruínas ou destroços egeditanos. I Elenco da epigraphia lusitano-romana. O Archeologo Português, 14. Lisboa: 170.

Pereira, F. Alves (1909) Ruínas de Ruínas, ou Estudos Igeditanos. O Archeologo Português, 14, Lisboa.

Pereira, F. Alves (1913) Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos. II – Os Deuses Igeditanos “Arentius” e “Revelanganitaecus”, Lisboa.

Pereira, F. Alves (1916) Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos. III – A Ermida de S. Pedro de Vila Corça, Lisboa 1917. O Archeologo Português, 21 (1 a 12). Lisboa.

Pereira, F. Alves (1917) Ruínas de Ruínas ou Destroços Igeditanos. IV – Idanha-a-Velha (Breve Notícia), O Archeologo Português, 21 (18 a 27), Lisboa

Proença Jr, F. T. (1910) Archeologia do districto de Castello Branco: 1ª contribuição para o seu estudo. Typographia Leiriense. Leiria: 25 p.

Proença Jr, F. T. de (1910) Inscricções de Idanha-a-Velha. Materiaes, 3. Castello Branco: 84.

Prósper, B. M. (2002) Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la Peninsula Iberica. Salamanca.

Quintela, A. de Carvalho; Cardoso, J. L. & Mascarenhas, J. M.(1995) Barragens Romanas do Distrito de Castello Branco e Barragem de Alferrarede. Conimbriga, 34. Instituto de Arqueologia: 75-127

Raddatz, K. (1969) Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel Vom Ende des Dritten bis zur Mitte der Ersten Jahrhunderts von Chr. Geb. Untersuchungen zur Hispanischen Toreutik. Berlin: tafel 95.

Ramos, I. S. & Pablos, J. Morin de (2014) Idanha-a-Velha. Portugal. El episcopio de Egitano en época tardo antiga.

Ramos, M. (2009) S. Pedro de Vir-a-Corça (Monsanto, Idanha-a-Nova): algumas reflexões sobre a reinterpretação de espaços sacros na longa diacronia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Biblos, n. s. VII. Coimbra: 549-568.

Repas, F. C. (2001) Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos (Subsidios para o seu Estudo). Coimbra.

Ribeiro, O. (1943) Evolução da falha do Ponsul. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 24. Lisboa: 109-123.

Rodrigues, J. C.; Neto de Carvalho, C. & Gerales, J. (2008) Património Geológico de Salvaterra do Extremo. Açafa on line, 1 (2008). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 17 p.

Sá, A. Marques de (2007) *Civitas Igaeditanorum* - Os Deuses e os Homens. Município de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Nova.

Saa, M. (1960) As grandes vias da Lusitânia: O Itinerário de Antonino Pio. Tomo VI. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Saa, M. (1967) As Grandes Vias da Lusitânia - O Itinerário de Antonino Pio. Tomo I a VI - Tip. Sociedade Astória.

Salvado, M. A. N. (1993) O Espaço e o Sagrado em S. Pedro de Vir-a-Corça. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Salvado, P. (2010) Idanha-a-Velha: um rosto periférico da memória. Elementos para a História do património egeditano. In Memória e História Local. Palimage. Coimbra: 207-255.

Salvado, P. M.(1988), Elementos para a Cronologia e para a Bibliografia de Idanha-a-Velha. Idanha-a-Nova.

Sánchez-Palencia, F. Javier & García, L. Carlos Pérez (2005) Minería Romana de oro en las Cuencas de los Ríos Erges / Erjas y Bazágueda (Lusitania): La Zona Minera de Penamacor-Meimoa, in Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia. Actas das 2ª Jornadas de Património da Beira Interior. Guarda: 267-307.

Santos, A. T. (2000) O Megalitismo da Área da Barragem Marechal Carmona (Concelho de Idanha-a-Nova): uma análise espacial. Neolitização e Megalitismo na Península Ibérica, actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, 3. Porto: 413-427.

Santos, M. C. Domingues (2003) Estela Funerária do Rosmanihal. Ficheiro Epigráfico, 74. Instituto de Arqueologia. Coimbra.

Santos, M. Farinha dos (1986) O Povoamento Pré-Romano no Distrito de Castelo Branco. Arqueologia da Beira Baixa, livro das 1ªs Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa (1979). Castelo Branco.

Schwarz, S. (1933) Arqueologia Mineira – Extracto de um relatório acerca de pesquisas de ouro. Apresentado em 1933 pela Empresa Mineira-metalúrgica,

Limitada. Boletim de Minas. Direcção- Geral de Minas e Serviços Geológicos. Lisboa: 35-38.

Silva, J. Candeias da (1998) Molde visigótico da Egitânia. Ficheiro Epigráfico, 58. Instituto de Arqueologia. Coimbra.

Sousa, L. (1991) Sete Mamoas do Concelho de Idanha-a-Nova. Actas das IV Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 183-199.

Torres, C. (1992) A Sé-catedral de Idanha-a-Velha. Arqueologia Medieval, 2. Campo Arqueológico de Mértola. Mértola: 169-178.

Torres, C. (1996) A Sé-catedral da Idanha. Materiais, 0 (2) (2ª Série, ano 1). Castelo Branco: 45-52.

Vasconcelos, J. L. (1909) Um Deus Igeditano. O Archeologo Português, 14. Lisboa: 243-247.

Vasconcelos, J. L. (1927) De terra em terra. Excursões arqueológico etnográficas. Imprensa Nacional, Lisboa.

Vilaça, R. (1995a) Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze. Trabalhos de Arqueologia, 9. IPPAR, 2 volumes. Lisboa.

Vilaça, R. (1995b) O Povoado Pré-Histórico do Monte do Trigo. Estudos Pré-Históricos, 3. Viseu: 201-207.

Vilaça, R. (1998) Produção, Consumo e Circulação de Bens na Beira Interior na Transição do II para o I Milénio a.C.. Estudos Pré-históricos, 6. Actas do Colóquio A Pré-história na Beira Interior. Viseu:347-374.

Vilaça, R. (2000) Notas Soltas Sobre o Património Arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. Ferreira, M. C. et al. (Eds.), Beira Interior. História e Património. Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior (1-3 de Outubro de 1998). Guarda: 31-50.

Vilaça, R. (2000) Registos e Leituras da Pré-história Recente e da Proto-história Antiga da Beira Interior". Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular (Vila Real, 23 -27 de Setembro de 1999), vol. IV. ADECAP. Porto: 161-182.

Vilaça, R. (2006) Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do Território Português: Novos Contributos e Reavaliação dos Dados. Complutum, 17. Madrid: 81-101.

Vilaça, R. (2007) A Cachouça (Idanha-a-Nova, Castelo Branco) Construção e Organização de um Caso Singular de Inícios do I Milénio AC. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: 67-75.

Vilaça, R.(1998) Hierarquização e Conflito no Bronze Final da Beira Interior, in Jorge, S. O. (ed.), Existe uma Idade do Bronze Atlântico? Trabalhos de Arqueologia, 10. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 203-217.

Vilaça, R.; Marques, J. N. & Correia, M. (1999) Resultados de uma sondagem arqueológica realizada em S. Gens (Idanha-a-Nova). Estudos Pré-históricos, 7. Viseu: 259-269.